

# Brasil vai pagar a dívida em 15 anos

UPI

Heitor Tepedino



Oteiba deixa reunião da Opep irritado com a intransigência da Nigéria em não reduzir a produção

O comitê de assessoramento da dívida externa brasileira, liderado por William Rhodes, do Citibank, chegou a um denominador comum com o governo brasileiro para a renegociação da dívida do Brasil, com Affonso Pastore, presidente do Banco Central, tendo embarcado na noite de ontem para Nova Iorque convencido de que na próxima sexta-feira poderá retornar ao Brasil, com o acordo fechado.

No entanto, esta comissão de representantes de vários bancos para coordenar a negociação brasileira não tem autonomia para responder pelos nossos 720 credores, aproximadamente. Com isto, esta proposta negociada entre Pastore e o comitê é simplesmente um projeto, dependendo de cada um dos bancos credores a sua aprovação formal do acordo para que o negócio fique concluído.

Quando os banqueiros informam que agora se irá necessitar de mais alguns meses para que o acordo possa ser assinado, deve-se aos costumes problemas que surgem junto aos bancos de alguns países. No último acordo, os suíços, os italianos, os alemães, entre outros, criaram muitos obstáculos para acatarem a proposta negociada pelo comitê de assessoramento.

Embora o futuro presidente brasileiro, Tancredo Neves, seja o mineiro típico de quem nada se consegue arrancar de informação quando ele não deseja dar, os banqueiros internacionais também são profissionais que sabem tudo com um ano de antecedência. Assim, esta data da negociação pode não ser uma coincidência, mas propositalmente envolvendo discussões com o governo que saiu, que está profundamente informado das regras do jogo, deixando-se para o futuro governo a assinatura desses contratos. Com isto, se consegue dois gols: o governo brasileiro que sai renova os seus compromissos e, o que entra, avaliza com sua assinatura a decisão, o que é a segurança de que será cumprida.

Contudo, até a data em que esses 720 bancos enviarão os seus telexs de aprovação da proposta a William Rhodes em Nova Iorque, muitos problemas podem surgir, principalmente com exigências na área comercial com o Brasil, tentativas de entrar-se no mercado financeiro interno do nosso País, gestões para afastar-se bancos brasileiros do mercado interbancário internacional, enfim tudo isto tem de ser negociado.

Pela primeira vez, desde que o Brasil jogou a toalha ao Fundo Monetário Internacional, ocorre uma mudança real de governo em nosso País, o que certamente será bom para essas negociações, porque os banqueiros sabem que existem riscos de endurecimento, caso eles exagerem em suas pretensões. O recado de Tancredo Neves em sua recente entrevista coletiva, de que dinheiro se paga com dinheiro e não com a fome e a miséria de um povo, ainda soa nos ouvidos dos banqueiros. Pode-se somar a favor de Tancredo, ainda, a recepção altamente favorável pelos governos europeus — países fortes na área política como a França e a Itália — que exercerá alguma pressão psicológica sobre os banqueiros europeus, geralmente os mais rebeldes. Acrescente-se, também, que embora seja possível que o futuro presidente tenha mandado algum recado para os banqueiros através de Affonso Pastore, o que está valendo é a sua declaração pública, de que a negociação da dívida é de inteira responsabilidade do atual governo.

Desta forma, conforme os entendimentos telefônicos com Nova Iorque, tudo indica que desta vez o acordo será fechado, na base de 15 anos de prazo, um "spread" de 1,25 por cento, com os sete primeiros anos com um crescimento gradual dos nossos compromissos. Entretanto, oficialmente nada impede que o futuro governo convoque uma revisão deste acordo ainda este ano ou posteriormente, conforme Tancredo Neves já deixou bem claro nos seus pronunciamentos.

## Credores estão só à espera de Tancredo Neves

André Gustavo Stumpf

Washington — Um pequeno detalhe está impedindo que o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, conclua as negociações junto às autoridades norte-americanas para a renegociação da dívida externa. Pastore conseguiu chegar a um denominador comum com os credores brasileiros e, apesar das pressões que fez para encerrar essas negociações ainda ontem, os americanos decidiram-se por esperar a chegada do presidente eleito Tancredo Neves àquele país para uma discussão final.

O acordo, praticamente fechado por Pastore, dispõe um crescimento moderado das indústrias brasileiras, entre 3 e 4 por cento; a fixação da inflação do dólar a nível internacional em 5,5 por cento ao ano além disso, neste ano a subida do preço do petróleo será lenta e, conseqüentemente sua queda moderada, ficando estável nos próximos cinco anos. Em termos econômicos o preço do petróleo ficará um pouco acima da taxa de inflação do dólar.

A questão da dívida externa brasileira será acertada definitivamente no próximo sábado quando Tancredo Neves terá um segundo encontro com o Secretário de Estado americano George Shultz. O primeiro encontro será no dia seguinte à chegada do presidente eleito a Washington antes mesmo da audiência com o presidente Ronald Reagan. Será um café da manhã o suficientemente quente para romper o frio de Washington, porém temperado em dose e medida certas para o sabor mineiro.